

ELIO GASPARI



A 'casta' de Pindorama

Não se pode prever o que acontecerá com a presidência de Javier Milei na Argentina e, pelo andar da carruagem, não será coisa boa. Mesmo assim, seu cavalo de batalha — o combate à "casta" — arrisca aparecer na política brasileira.

A casta de Pindorama reúne empresários que articulam incentivos, juizes que acumulam penduricalhos, congressistas que industrializam emendas orçamentárias e magnatas que empregam parentes. Tudo dentro de uma legalidade manipulada pela casta.

Numa só semana deste ano, a casta nacional produziu as seguintes pérolas: O governador de Santa Catarina, Jorge Mello, nomeou o próprio filho para a chefia de sua Casa Civil, até que a Justiça suspendesse o ato.

Um mês antes de se aposentar, a juíza Maria Isabel Pena Pierantoni, do Tribunal de Justiça do Rio, recebeu R\$ 1,1 milhão. Esse dinheiro era-lhe devido por férias não gozadas e também por férias vendidas. A juíza Pierantoni passou olimpica pela magistratura. Ela apenas exerceu seu direito.

Os magistrados têm direito a 60 dias de férias por ano. Folgam um mês durante o recesso e "vendem" a outra metade. Esse penduricalho custa pelo menos R\$ 6,5 bilhões anuais à União, evarário equivalente a um terço dos R\$ 19 bilhões do incentivo dado à indústria automobilística.

Soube-se na quinta-feira que em dezembro passado os titulares do Tribunal de Contas atropelaram um parecer da área técnica e autorizaram um penduricalho para magistrados que acumulam funções. O mínimo representa um aumento de cerca de 30% dos salários dos atendidos. (Concebido para juizes, ele se estende aos titulares do Tribunal de Contas.)

Thales Ramalho, um marquês da República

O jornalista Cicero Belmar publicou o livro "Thales Ramalho, um marquês da República, diálogo e moderação". Morto em 2004, Thales foi um marquês do Império vivendo uma ditadura na República.

Hoje, quando se acompanham as figuras de Tancredino Neves e Ulysses Guimarães, mal se nota que, por portão, sempre estava a figura de Thales. Com Ulysses, ele costurou o vigor do MDB, um partido que em 1970 estava ameaçado de extinção e, quatro anos depois, elegeu 16 dos 22 senadores.

Com Tancredino, ele costurou a frente que enterrou a ditadura, elegeu indiretamente o primeiro presidente civil. Foi co-



autor da única conciliação da História brasileira saída da oposição.

Thales sofreu um acidente vascular cerebral e um acidente de carro. Como Bernardo Pereira de Vasconcelos no Império, morria-se numa cadeira de rodas. Era um moderado numa oposição naturalmente povoada por alguns radicais. (Alguns deles negavam-lhe o cumprimento.) Tinha amigos do outro lado da cerca, como o marechal Cordeiro de Farias, um patriarca das conspirações militares, e o senador Petrólio Portella (outro marquês), presidente do partido do governo. Era capaz de prever resultados de votações na rua e no Congresso. Homem simples, escondia cultura e refinamento.

Belmar rememora o encontro que Thales e Ulysses tiveram com o general Golbery do Couto e Silva em março de 1975. O endereço do local foi assado numa caixa de fósforos, e a sala do apartamento estava com as cortinas fechadas. Nessa conversa, o general expôs-lhes o projeto de governo: acabar com AI-5 e com o bipartidarismo e ir para uma anistia. Os três

guardaram o segredo do encontro por cinco anos, até que Thales revelou-o parcialmente.

Belmar pesquisou milhares de documentos, inclusive papéis do Serviço Nacional de Informações, ouviu familiares e contemporâneos. Foi ajudado por Helena Ramalho, a segunda mulher de Thales, anjo que o acompanhou por décadas.

No início do livro, vai contando o casamento de Ana Clara, filha de Thales, no dia 1º de março de 1985, na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes, no Recife. Foi a primeira e última celebração da Nova República de Tancredino, com todo mundo lá, inclusive ele. O pálio fronteiro da igreja é de terra batida. Naquela noite, estava todo coberto por folhas de canela.

A VAIDADE DE HADDAD

A entrevista do ministro Fernando Haddad ao repórter Alvaro Gólibel custou-lhe novas pedradas vindas do PT, sobretudo por ter

tratado da sucessão presidencial.

Ele foi sincero, mas mostrou uma ponta de ressentimento, associada a uma audaciosa vaidade.

Primeiro, ele expôs o justo ressentimento: "Nos cards de Natal, o que aparece é assim: 'A inflação caiu, o emprego subiu. Viva Lula!' O meu nome não aparece."

Depois, vangloriou-se: "Eu fui criticado no MEC, mas virei o melhor ministro da Educação da história do país, depois que deixei o MEC. Melhor prefeito da história de São Paulo, depois que deixei a prefeitura. Tomara que aconteça a mesma coisa agora."

Tomara que não aconteça, porque, noventa e nove anos, são poucos os que acham que foi um bom ministro da Educação. Quanto ao seu desempenho na prefeitura de São Paulo, disputou a reeleição em 2016 e viu-se dispensado no primeiro turno.

EREMILDO, O IDIOTA

Eremildo é um idiota e desconfia de que o governo está agindo em relação aos carros elétricos com a mesma teimosia com que, no século passado, fechou mercado nacional de computadores.

Elevaram-se as alíquotas de importação para carros elétricos e jogaram-se R\$ 19 bilhões num programa de incentivo ao setor automotivo. As montadoras são ajudadas pela União há 70 anos. Quando ela apadrinhava essa indústria, a China produzia bicicletas. Na semana passada, a BYD chinesa superou a Tesla na produção de carros elétricos.

AREGRESSÃO DE TARCÍSIO

A política transformou Lula, um metalúrgico com o primário completo e um curso de técnico mecânico do Senai, no único brasileiro eleito três vezes para a Presidência da República.

Noutra ponta das virtudes curriculares, Jair Bolsonaro, já eleito, recebeu numa manhã de dezembro de 2018, o ex-oficial Tarcísio de Freitas. Nunca o havia visto, e o encontro foi sugerido por um coronel. Tarcísio tinha sido um dos melhores alunos do Instituto Militar de Engenharia e comandara uma faxina do governo de Dilma Rousseff na burocracia dos transportes.

Terminada a conversa, Bolsonaro pediu-lhe que voltasse à tarde. Ele voltou e foi convidado para o Ministério da Infraestrutura. Simples assim.

Passou algum tempo, e Bolsonaro sugeriu a Tarcísio o que parecia ser uma malandragem: ele deveria disputar o governo de São Paulo. Elegeu-se.

Como a política transforma as pessoas, o aluno brilhante do IME meteu-se em dois episódios capazes de enrubescer até a turma da limpeza do instituto.

Defendendo uma batatada de seu secretário de Educação, disse que o governo ofereceria livros didáticos em versões eletrônicas, e os estudantes que não tivessem tablets ou computadores poderiam imprimí-los. Só não informou onde.

Num novo acesso de terraplanismo, avisou que não vai comprar novas câmeras corporais para a FPM e disse: "Qual é a efetividade da câmera corporal na segurança da cidadania? Nenhuma".

Nesse progresso de regressão, Tarcísio arisca condenar a aplicação da vacina contra a dengue em São Paulo.

OBITUÁRIO

Campos Machado/ EX-DEPUTADO, 84 ANOS

Líder histórico do PTB, eleito para oito mandatos

Nascido em Cerqueira César, no centro-oeste paulista, Antônio Carlos Campos Machado foi líder estudantil na juventude, quando presidiu a União Operária Estudantil e o Movimento Jovem Jânio Quadros. Era um admirador do ex-presidente, de quem foi advogado, e graças a ele ingressou na política. Criminalista por formação, Campos Machado foi deputado estadual de São Paulo por oito mandatos consecutivos ao longo de 35 anos, de 1987 a 2022, sempre pelo PTB.

No ano passado, filiou-se ao Partido Social Democrático (PSD).

Líder histórico do PTB em São Paulo, durante sua atua-

ção como parlamentar participou da elaboração de mais de 250 leis estaduais, entre elas, uma das primeiras legislações antibagistas do estado, em 1995, e pacote de medidas contra a Covid-19, em 2020. Disputou ainda a prefeitura de São Paulo em 1996 e foi candidato a vice-prefeito da capital na chapa de Geraldo Alckmin, em 2000 e 2008.

Em 2020, com a radicalização de Roberto Jefferson no comando do PTB, em apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro, rompeu com a legenda. Teve uma breve passagem pelo Avante, partido pelo qual disputou sua última eleição, em 2022, mas não se reelegeu. Nos últimos meses, dedicou-se à



Campos Machado. Ex-deputado lutava contra uma leucemia

criação de uma frente política partidária, a SP Frente Cidadã, com o apoio do vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) e de Gilberto Kassab, dirigente do PSD.

Campos Machado morreu ontem, aos 84 anos, vítima de leucemia, no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, onde estava internado, e foi velado no Hall Monumental da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp). Ele deixou

mulher, Wilma Campos Machado, e três filhos.

DESPEDIDA

A cerimônia de despedida reuniu diversos políticos. Um dos presentes, Alckmin afirmou que "Campos Machado era um servidor do povo, tinha vocação de servir a sociedade como advogado, como deputado, como dirigente partidário". Kassab, que também esteve

Tarcísio de Freitas (Repúblicanos), foi uma das autoridades que lamentaram a morte do ex-deputado pelas redes sociais, onde afirmou que ele era símbolo de dedicação ao estado. O prefeito da capital do estado, Ricardo Nunes (MDB), por sua vez, disse que Campos Machado "foi um grande amigo e irmão", e que ficaria eternizado as conversas e os conselhos que recebeu.

Em nota, a família saudou a "extraordinária trajetória pessoal, na advocacia e na política" de Campos Machado como exemplo para aqueles que "sonham com uma sociedade mais justa e fraterna". E se disse disposto a levar adiante o seu legado, como era de sua vontade. "Atendendo seu último desejo, vamos todos nos irmanar para levar adiante a nossa Frente Cidadã, em uma grande corrente de fé e de união, pois o legado de um dos maiores líderes político-partidários do país será, de agora em diante, nossa bandeira de luta". (Da G1)